

# MASCULINIDADE TÓXICA E MASCULINIDADE FLÁCIDA

## O homem reprogramado pelo submundo do ciberespaço

PRISCILA MAGOSSÍ<sup>1</sup>

JORGE MIKLOS<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo elaborado em coautoria aborda o fenômeno da *masculinidade tóxica* e da *masculinidade flácida* em contexto específico da cibercultura, isto é, *o homem reprogramado pelo submundo do ciberespaço*. Trata-se de uma alteração dramática, de porte corrosivo, potencialmente irreversível, tanto na libido quanto no sistema afetivo do indivíduo do gênero masculino, propositalmente provocada por *feeds* hipersegmentados, nos quais são apresentadas imagens hiper-reais, cujos algoritmos intencionalmente objetivam reprogramar a ideologia do imaginário masculino. Neste contexto, define-se o submundo pela indústria adulta digital, isto é, um oligopólio carterizado de empresas, regidas por proprietários ocultos, que trabalham em regime de comunhão entre si, em um segmento de mercado invisível. No intuito de limitar completamente a potência do imaginário, transformando-o em *mero flagelo obscuro domesticável*, os proprietários dos *sites* adultos direcionam *todo* conteúdo erótico do ciberespaço para as seguintes vertentes: (i) *masculinidade tóxica* e (ii) *masculinidade flácida*. Nesta perspectiva, o conceito de masculinidade tóxica refere-se ao indivíduo que, *reprogramado pela perversão*, está condicionado a naturalizar a violência (física e simbólica) contra a mulher. Já o conceito de masculinidade flácida aplica-se ao homem que, *reprogramado pela inversão*, é encorajado a cometer a violência (física e simbólica) contra si próprio. Em termos psíquicos, subjetivos, afetivos, sexuais, sociais e culturais, ambos os processos são torturantes para o homem e dificultam a realização do indivíduo como potência. Em termos econômicos, ambas as vertentes são lucrativas para o setor adulto que vende o veneno como antídoto propositalmente. Com pano de fundo profundamente crítico, este estudo sobreleva o seu aspecto teórico e reflexivo e apresenta como autores de destaque C. G. Jung, E. Trivinho, J. Baudrillard, M. Contrera e Z. Bauman. Assim, esta pesquisa justifica a sua relevância pela sua modesta contribuição ao campo de estudo da comunicação, da cibercultura e do imaginário com a análise fundamentada de conceitos que priorizam a defesa dos direitos humanos, com foco no modo pelo qual o *modus operandi* do submundo retroage na vida cotidiana da civilização tecnológica atual.

**Palavras-chave:** cibercultura, submundo; reprogramação ideológica do imaginário, masculinidade tóxica; masculinidade flácida.

---

<sup>1</sup> Priscila Magossi é doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), pesquisadora da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber) e do grupo Mídia e Estudos do Imaginário, e fundadora do Método “*New Camming Perspective*” (NCP) com registro no C.D.T. (1.823) desenvolvido a partir da investigação *in loco* do submundo da cultura digital: [newcammingperspective.com](http://newcammingperspective.com)

<sup>2</sup> Jorge Miklos é doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), pesquisador da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber) e do grupo Mídia e Estudos do Imaginário, e Professor Titular da Universidade Paulista (UNIP).

## SUMÁRIO

	<b>RESUMO</b> .....	1
<b>1</b>	<b>NOTA INTRODUTÓRIA</b> .....	3
<b>2</b>	<b>O HOMEM FOR/MATADO</b> .....	4
	2.1 Masculinidade tóxica.....	4
	2.2 Masculinidade flácida.....	5
<b>3</b>	<b>O SUBMUNDO E A REPROGRAMAÇÃO DO IMAGINÁRIO MASCULINO</b> ..	6
	3.1 Submundo do ciberespaço.....	6
	3.2 Reprogramação ideológica do imaginário pelo submundo.....	9
<b>4</b>	<b>O HOMEM REPROGRAMADO PELO SUBMUNDO</b> .....	12
	<b>4.1 Masculinidade tóxica fabricada pelo submundo</b> .....	12
	4.1.1 Reprogramação via perversão: definição teórica e processo prático.....	12
	<b>4.2 Masculinidade flácida fabricada pelo submundo</b> .....	15
	4.2.1 Reprogramação via inversão: definição teórica e processo prático.....	15
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	19
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	21

# 1 Nota introdutória

*“Abandoneis toda a esperança, vós que entráis no inferno”.*

— Dante Alighieri

A presente argumentação refere-se ao artigo elaborado em coautoria com exclusividade para o **“III ENCONTRO VIRTUAL DA ABCIBER — CONFLITOS E UTOPIAS NOS ESPAÇOS: Mobilizações no digital”**, especificamente para apresentação no **“Grupo Temático 01: Apocalipse de Conflito”**, no qual pesquisas em torno da esfera digital são a base para as propostas de trabalhos, com foco nas *fake news* como ferramenta de destruição da verdade e nos sistemas de vigilância de dados como instrumento de controle do indivíduo.

Diante desta proposta, o artigo em questão aborda o fenômeno da *masculinidade tóxica* e da *masculinidade flácida* em contexto específico da cibercultura, isto é, o *homem reprogramado pelo submundo da cultura digital*. Em outras palavras, investigar-se-á, o indivíduo dominado pelo sistema de empresas de pornografia, de *webcamming* e de vendas de *“packs”* erótico, cujos proprietários invisíveis decidem em regime de comunhão entre si o que será disponibilizado como mercadoria hiper-real para produção e consumo, de tal sorte que *“o real nunca mais tenha a oportunidade de se reproduzir”* (BAUDRILLARD, 1991, p. 9).

Neste espectro temático, ressalta-se que o estudo aqui apresentado é parte de uma Pesquisa de maior amplitude e densidade, em desenvolvimento contínuo, que apresenta novas etapas da sua descoberta a cada produção textual. A investigação, em sua totalidade, aborda a temática da *reprogramação ideológica do imaginário propositalmente for/matada pelos algoritmos e códigos invisíveis do subterrâneo do ciberespaço*.

Ressalta-se que este trabalho se refere a uma Pesquisa cujo objeto de estudo desafia esforços da ciência tanto para a sua investigação quanto para a sua gestão de dados por pertencer à classe dos *fenômenos invisíveis da cibercultura*, isto é, não apreensível em sua essência, mas passível de compreensão pelos seus efeitos catastróficos sobre o tecido social. Sobreleva-se, assim, o aspecto teórico e reflexivo deste artigo científico, com pano de fundo profundamente crítico.

## 2 O homem for/matado

### 2.1 Masculinidade tóxica

Em linhas gerais, o conceito de *masculinidade tóxica* refere-se ao processo de socialização do indivíduo com o meio a partir do qual o sujeito aprende a reproduzir o que é ensinado pela cultura heteronormativa e patriarcal no intuito de legitimar a sua experiência de vida em sociedade. Assim, o homem é ensinado desde menino a desenvolver uma personalidade sem vulnerabilidades, na qual as suas emoções estejam completamente reprimidas, pois tal característica é entendida como parte do espectro comportamental do gênero feminino.

Em continuidade a esta reflexão, se por um lado ocorre a supressão dos sentimentos do homem, por outro há a liberação da agressividade. A lógica em questão é que o patriarcalismo, enquanto estrutura sociológica, valoriza a “ausência da feminilidade” em todas as suas faces, oprime o gênero feminino, e assim encoraja performances nas quais “*a concentração do ‘gene mestre’*” (BUTLER, 2003, p.160) — o masculino — fabricando, portanto, o masculino tóxico. Em síntese, a consequência da opressão desmedida do feminino resulta no revestimento de personalidades com performances extremamente agressivas como tentativa do homem de demonstrar virilidade para pertencer ao grupo social no qual está inserido.

Avançando na argumentação e aplicando a definição teórica sobre o masculino tóxico em termos genéricos ao *corpus* desta Pesquisa, o submundo da cultura digital, afirma-se que os *sites* adultos naturalizam toda essa toxicidade já existente na superfície da vida cotidiana em sociedade normativa, e oferece como mercadoria para consumo do homem heterossexual a possibilidade de violentar a mulher na rede em tempo real. Em outras palavras, o principal produto da indústria adulta digital é o poder do homem sobre a mulher, isto é, o estímulo que é dado ao homem para humilhar a mulher *online*, objetificando-a e desumanizando-a. Ou seja, a sobrevivência do submundo enquanto modelo de negócios depende dos *sites* adultos embutirem a perversão na ideologia do imaginário masculino, reprogramando-o para diretrizes cada vez mais tóxicas e perversas<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> A definição de masculinidade tóxica em contexto específico do submundo do ciberespaço será detalhada no tópico 4.1 deste documento de pesquisa.

## 2.2 Masculinidade flácida

Em contraponto ao conceito da *masculinidade tóxica*, o termo *masculinidade flácida* aplica-se ao homem que, após submetido a determinado sofrimento psíquico, não consegue, por inúmeras razões, adequar-se aos padrões da masculinidade da cultura heteronormativa e patriarcal. A adaptação ao padrão social exige de muitos homens a amputação de aspectos significativos do seu ser ou, extensão de aspectos estranhos no intuito de assim corresponder às expectativas do machismo cultural. Por exemplo, (i) o machismo institui aos meninos que o tamanho do pênis regula a sua masculinidade, (ii) assim como sentencia aos homens que não há espaço para demonstrar sentimentos e emoções, (iii) além de treinar os adolescentes para que percebam que a masculinidade do homem é mensurável pelo dinheiro, pela marca do carro e pelo sucesso profissional.

No caso do objeto de estudo deste artigo, o submundo do ciberespaço também fomenta uma solução capitalizadora para tal, isto é, uma forma de potencializar o masculino flácido, embutindo o que chamaremos aqui de *reprogramação via inversão* na ideologia do imaginário masculino. Neste cenário, o homem é encorajado a amputar todos os aspectos que compõem as expectativas da cultura patriarcal referentes à identidade do gênero masculino, invalidando-se completamente como indivíduo. Neste cenário, o masculino flácido paga sessões *online* de *videochat* na rede em tempo real para ouvir mulheres dizendo que o tamanho do seu pênis é deplorável, incapaz de satisfazer alguém sexualmente, que sua existência como um todo é miserável, e assim por diante<sup>4</sup>.

A respeito desse tema, tanto a masculinidade tóxica quanto a masculinidade flácida comprometem a complexidade do ser humano, engaiolando o homem em padrões estabelecidos pelos estereótipos da sociedade patriarcal. Afinal, a performance de estereótipos é geralmente um processo torturante para o homem cujo padrão arquetípico desvia-se da subjetividade. No caso da masculinidade flácida, especificamente, o homem que não se adapta aos padrões da cultura heteronormativa torna-se flácido e com dificuldades de realizar-se como potência. Em termos econômicos, ambas as degradações são lucrativas e, portanto, encorajadas pelo submundo, ou seja, anunciadas como “entretenimento adulto”.

---

<sup>4</sup> A definição de masculinidade flácida em contexto específico do submundo do ciberespaço será detalhada no tópico 4.2 deste documento de pesquisa.

### 3 O submundo e a reprogramação do imaginário masculino

Uma vez compreendida a definição dos conceitos-chave deste documento de Pesquisa, “*masculinidade tóxica*” e “*masculinidade flácida*”, é possível avançar na argumentação e desvelar como o submundo do ciberespaço — isto é, a indústria adulta digital — apropria-se de conceitos nobres da subjetividade humana — tais como “*liberdade*”, “*conexão*” e “*interação com o outro*” — para realizar na surdina o exato oposto do que é anunciado em sua publicidade. Isto é, provoca-se, propositalmente, uma espécie de curto-circuito no simbólico por meio de desvios semânticos nada inocentes aliados a um dilúvio de simulacro de performances hiper-reais, que retroagem tanto a subjetividade, quanto no sistema afetivo e na sexualidade da civilização mediática avançada.

#### 3.1 Submundo do ciberespaço

O submundo, nesta Pesquisa, é identificado pela indústria adulta digital, isto é, o obscuro segmento de mercado, desregulamentado no Brasil e no mundo, formado por um oligopólio carterizado de empresas que opera em regime de colaboração entre si em *sites* adultos de (i) pornografia, (ii) *webcamming* e (iii) venda de conteúdo erótico (*packs*).

Por se tratar de um oligopólio carterizado de empresas, há apenas 1 único tipo de contrato<sup>5</sup> — *leonino* — disponível em todos os *sites* adultos, de toda parte do mundo. A perversidade do submundo apresenta-se logo nas cláusulas contratuais, que exigem a *renúncia permanente dos Direitos Fundamentais* da produtora de conteúdo adulto para utilizar *qualquer* plataforma digital. Em outras palavras, é exigido da mulher que executa a performance hiper-real — isto é, que desempenha diretrizes específicas de um modelo de negócios direcionado por empresas controladas por proprietários invisíveis e parceiros ocultos — a *cessão dos seus direitos autorais, constitucionais e existenciais como condição de sobrevivência financeira*. Todavia, a publicidade cínica e hipócrita do setor anuncia *exatamente o oposto* do que exigiu por contrato:

*Camgirls são mulheres fortes, livres e determinadas. Que passam por cima de dificuldades e do preconceito (quase) diariamente para alcançar seus sonhos. Elas merecem todo o nosso respeito e admiração! Vocês são nossas musas inspiradoras<sup>6</sup> ♥*

<sup>5</sup> Como demonstração prática da teoria descrita, segue exemplo de contrato da empresa brasileira que monopoliza o segmento adulto no país: <https://models.cameraprive.com/br/legal/platform-agreement>

<sup>6</sup> O *Tweet* foi publicado pela empresa em 16.mai.2022 e o acesso está disponível pelo link: <https://twitter.com/cameraprive/status/1526215902542417921>

O contrassenso é nítido e inquestionável entre o discurso publicitário — que anuncia a *camgirl* como uma mulher forte, livre e determinada — e o contrato que exige a renúncia dos direitos autorais, constitucionais e existenciais da mulher. Mas a questão aqui é muito mais profunda do que o mero contrassenso, tão óbvio, tão evidente, tão explícito, tão inegável, tão irrefutável. Entretanto, a maior perversidade do contrato leonino de adesão à plataforma digital pertence à categoria dos fenômenos invisíveis da cibercultura: a violência simbólica<sup>7</sup>. Neste caso, a violência simbólica à qual uma mulher está submetida quando abdica dos seus Direitos Fundamentais refere-se à renúncia da experiência de vida em sociedade normativa, isto é, à cessão de todos os fluxos simbólicos (signos, significantes e significados) da vida cotidiana como elemento integrante do coletivo. Sobre o tema, C.G.Jung afirma:

*O homem como indivíduo é um fenômeno suspeito, cujo direito à existência poderia ser combatido sob o ponto de vista biológico, segundo o qual o indivíduo só tem sentido como ser coletivo, como elemento integrante da massa (ibid., 1989, p. 162).*

Sendo assim, a violência simbólica é implacável e abala todos os aspectos da vida cotidiana da mulher permanentemente, pois implica, necessariamente, na sua exclusão definitiva do imaginário tradicional da sociedade normativa e na sua imediata imersão na periferia do imaginário social. Neste momento, é fundamental evidenciar que os proprietários das empresas têm plena consciência de tudo (do concreto ao simbólico) que está descrito neste documento de pesquisa. Não à toa, eles próprios são invisíveis.

No que se refere ao abandono da legislação sobre o submundo, a invisibilidade do proprietários deste segmento de mercado obscuro e o vale-tudo dos contratos leoninos condicionados às mulheres, a Diretora Legislativa da ABRACRIM-MULHER<sup>8</sup> (Associação Brasileira dos Advogados Criminalistas — Núcleo da Mulher Advogada), Dr<sup>a</sup>. Izadora Marcela Barbosa Zanin Fortes Barbieri<sup>9</sup> (OAB/SP nº 371.254), inquieta-se:

---

<sup>7</sup> Para designar a violência simbólica também são utilizados termos como “violência invisível”, “violência da técnica”, “violência transpolítica”, “violência sutil/sofisticada”, “violência estrutural-ciberespacial” e “violência obliterada” (TRIVINHO, 2007, p. 435).

<sup>8</sup> A ABRACRIM (Associação Brasileira dos Advogados Criminalistas) possui um núcleo dedicado à defesa da mulher nomeado ABRACRIM-MULHER (<https://www.abracrim.adv.br/>), no qual Dr<sup>a</sup>. Izadora Marcela Barbosa Zanin Fortes Barbieri (OAB/SP nº 371.254) ocupa o cargo de Diretora Legislativa. Entre seus feitos mais recentes e notórios está a elaboração do projeto de lei que propõe o aumento do prazo de denúncia da violência doméstica da mulher (de 6 meses para 12 meses) no senado no dia 14.jun.2022.

<sup>9</sup> Dr<sup>a</sup>. Izadora Marcela Barbosa Zanin Fortes Barbieri (OAB/SP nº 371.254), Diretora Legislativa da ABRACRIM-MULHER, analisa especificamente o contrato da empresa adulta brasileira *Dark Media Group/* Câmera Privê (<https://models.cameraprive.com/br/legal/platform-agreement>) em seu artigo científico “Regulamentação da indústria adulta digital: crimes informáticos, violência de gênero e ausência de direitos humanos” publicado na Revista ABRACRIM: <https://www.abracrim.adv.br/>

*Entre as cláusulas mais abusivas e desumanas também está o impedimento da “contratante” ajuizar ação contra o site adulto, não importa o tipo de dano que sofra.*

*Que tipo de sujeito colocaria um absurdo desses como cláusula contratual? Não é à toa também que esses empresários-opressores do setor costumam ser bastante discretos e reservados com a sua própria imagem, nome e identidade. Preferem o anonimato empresarial em vez da fama. Afinal, quem gostaria de estar associado publicamente a esse tipo de “empreendimento”?*

*(...) Constata-se que a pessoa que contrata os serviços dessa plataforma abre mão de direitos e garantias fundamentais básicas. Ou seja, os efeitos nefastos que podem desencadear a partir do referido instrumento particular são inúmeros, o que inclui a hipótese de acarretar crimes de violência de gênero.*

*(...) Chama-se, portanto, a atenção para a ausência de noção no que se refere aos Direitos humanos, pois uma pessoa ciente dos seus direitos constitucionais não assinaria um contrato absurdo desses. Está óbvio para todos que essas mulheres se encontram em posição hipervulnerável financeiramente e também em relação ao que significa, de fato, direitos humanos. Afinal, a atividade profissional não é regulamentada por lei, tampouco há qualquer organização social para ampará-las. (BARBIERI, 2022)*

Constata-se, portanto, que as performances realizadas nos sites adultos não se tratam de fantasias e fetiches pessoais das partes envolvidas — como a publicidade cínica do setor insiste em anunciar —, e sim, de um modelo de negócios obscuro e legalmente questionável, de uma indústria que opera em pleno faroeste digital, isto é, uma terra-sem-lei, na qual vale tudo, *menos associar o proprietário ao seu site adulto.*

Uma vez esclarecido do que se trata exatamente o submundo da cultura digital ao qual nos referimos nesta Pesquisa, também é preciso esclarecer qual é o produto ofertado por este submundo. Descarta-se completamente a hipótese de que o produto da indústria adulta digital seja o corpo majoritariamente feminino para consumo do homem sem maiores consequências. Defende-se, aqui, a tese de que a mercadoria do submundo seja o vício na miséria existencial e na degradação humana na qual o corpo humano apresenta-se disponível para controle, humilhação e subjugação *online* por meio de *performances* hiper-reais realizadas a partir dos contratos nos quais as mulheres obrigatoriamente renunciaram aos seus Direitos Fundamentais para os proprietários invisíveis dos sites adultos para executarem. Logo, trabalha-se com a hipótese de que *o principal produto da indústria adulta digital seja, justamente, o curto-circuito do simbólico ou reprogramação ideológica do imaginário* do tecido social.

### 3.2 Reprogramação ideológica do imaginário pelo submundo do ciberespaço

No contexto específico desta Pesquisa, define-se a reprogramação ideológica do imaginário como o processo gradativo de corrosão da subjetividade humana por meio da degradação do sistema afetivo e da radicalização da sexualidade do tecido social, propositalmente fabricada pelos algoritmos e códigos invisíveis do submundo do ciberespaço.

Em continuidade a esta reflexão, afirma-se que o afeto e a sexualidade de todo o tecido social apresentam-se como nada além de uma mercadoria — precificável, perecível e descartável — para os proprietários invisíveis das poucas empresas que controlam todo o setor adulto. Isto significa que todo o simulacro<sup>10</sup> e toda hiper-realidade contidos nas performances eróticas de todos os *sites* adultos são definidas com a mesma frieza com a qual se calcula a estratégia de qualquer modelo de negócios.

No caso específico do submundo, o objetivo é condicionar o desejo do homem para escolhas de performances mais rentáveis para os proprietários invisíveis do setor. Isto é, a intenção é viciar o imaginário dos homens em sensações e experiências que não serão reproduzidas em suas vidas ordinárias pois são hiper-reais, mas não os informar disso. Em outras palavras, o produto da indústria adulta digital — a reprogramação ideológica do imaginário — inclui, propositalmente, esconder, mentir, enganar e ludibriar os homens para que não percebam que ***absolutamente todo conteúdo disponibilizado na rede em sites de pornografia, de webcamming e de “packs” eróticos é puro simulacro da sexualidade.***

Afinal, não é incomum ouvir de um homem ordinário que consuma qualquer serviço ou conteúdo do submundo que ele efetivamente *acredite* que a performance hiper-real é, de fato, genuína. Constata-se, portanto, a eficiência no curto-circuito do simbólico provocada em todos esses homens reprogramados pelos empresários invisíveis que controlam o submundo do ciberespaço, cuja consciência crítica está rebaixada ao ponto de nem ao menos refletirem sobre o “próprio” prazer. No caso, um “prazer” que foi embutido, de modo perverso, direcionado, com objetivos puramente econômicos, seguindo diretrizes comerciais, muito bem calculadas.

---

<sup>10</sup> Simulacro e hiper-realidade são conceitos desenvolvidos por Jean Baudrillard em “*Simulacros e Simulações*” (1991) e dizem respeito a uma vertente híbrida, de terceira grandeza, formada entre o real e o irreal. O próprio Baudrillard cita em sua obra a pornografia como exemplo de simulacro e hiper-realidade: “*a pornografia é ficção é hipertrofiada de sexo consumido na sua irrisão para a sua irrisão*” (ibid., p. 120)

Nesta linha, quanto mais simulacro e mais hiper-realidade forem consumidos pelos usuários, mais vício e mais lucro será gerado para os empresários ocultos, transformando o indivíduo em *mero flagelo humano obscuro domesticável*. Para alcançar tal objetivo, o processo prático consiste em expor o indivíduo recorrentemente ao simulacro da sexualidade. A manobra é feita por meio de recomendações de vídeos e imagens apresentadas a partir de um *feed* hipersegmentado calculadamente programado por algoritmos de acordo com os interesses econômicos dessas empresas.

Entretanto, a eficiência do resultado esperado depende diretamente da alienação da consciência crítica do público receptor. Para isso, a publicidade exerce papel fundamental. Não à toa, E. Morin lamenta: “*em todos os lugares em que os media dão um a representação de realidade, a informação se esconde e se cala*” (ibid., 1986, p. 41). Segue exemplo de como a comunicação publicitária do setor adulto encarrega-se da função de causar tal curto-circuito do simbólico por meio do desvio semântico:

- (1) *Está precisando de um carinho? Você pode encontrar isso na sala de uma modelo. Elas adoram **interagir** com vocês! ❤️<sup>11</sup>*
- (2) *Você sabia que o Privetoy<sup>12</sup> pode deixar o seu Chat ainda mais **interativo**? Em um show, o usuário pode **controlar** a intensidade da vibração do brinquedo da modelo e proporcionar momentos intensos. A **diversão** é garantida<sup>13</sup>!*

Essas publicações demonstram claramente a intenção da empresa, isto é, provocar uma confusão semântica nada inocente que confunde descaradamente “*interação com o outro*” e “*controle do outro*”. Não bastasse, também confunde o vínculo afetivo com um modelo de negócios obscuro legalmente questionável. Isto é, a indústria adulta digital aproveita-se da necessidade humana de criação de vínculos e pertencimento e promove exatamente o oposto do que anuncia em sua publicidade: é proposto carinho, mas vendido humilhação. Fala-se em interação, mas a real oferta é de controle. É comunicado diversão, mas exigido punição por

---

<sup>11</sup> *Tweet* publicado pela empresa em 24.mai.2022 e disponível para acesso pelo *link*: <https://twitter.com/cameraprive/status/1529145210264879105>

<sup>12</sup> *Privetoy* refere-se a um vibrador específico que fica instalado no corpo da *camgirl* durante o seu expediente de trabalho online e disponível para controle da intensidade da vibração pelo usuário em tempo real. O valor do instrumento é de aproximadamente R\$1.800,00, a própria mulher é encarregada de compra-lo. Apenas as marcas compatíveis com o *site* podem ser utilizadas na plataforma, isto é, aquelas que possuem parceria comercial com o proprietário invisível da empresa.

<sup>13</sup> *Tweet* publicado pela empresa em 28.mai.2022 e disponível para acesso pelo *link*: <https://twitter.com/cameraprive/status/1508519295604637696>

meio da renúncia dos Direitos Fundamentais por contrato. O resultado dessa confusão proposital entre a mentira do anúncio publicitário (*Fake News*) e a destruição da verdade é reprogramação ideológica do imaginário em larga escala. Trata-se da própria “*liquidação dos sentidos*” descritos por J. Baudrillard em *Simulacros e Simulações* (1991):

*Para além do sentido, há o fascínio, que resulta da neutralização e da implosão do sentido. Para além do horizonte do social há as massas, que resultam da neutralização e da implosão do social [...] Os mass media estão ao lado do poder da manipulação das massas ou estão ao lado das massas na liquidação do sentido, na violência exercida contra o sentido e o fascínio? (Ibidem, p. 109-110)*

O mesmo raciocínio elaborado por J. Baudrillard no que se refere ao “*idealismo furioso do sentido*” (ibid., p. 111) aplica-se ao submundo: ***toda e qualquer informação qualificada é e será sempre deliberadamente destruída pelos vassalos da opressão do subterrâneo do ciberespaço***. Afinal, esta indústria faz do entretenimento um espetáculo distópico cujo *modus operandi* pressupõe, necessariamente: (i) esvaziar os sentidos, (ii) estimular o consumo desenfreado, (iii) saturar a informação e (iv) adormecer a consciência crítica.

A facilidade com a qual o submundo tem confundido todo o tecido social deve-se ao fato de que o subterrâneo do ciberespaço é um segmento de mercado desregulamentado e que opera invisível, portanto, os proprietários dessas empresas adultas podem se dar ao luxo de contar com capatazes bem menos inescrupulosos para realizar a confusão que quiserem em sua comunicação publicitária. Além disso, também possuem um leque de variáveis muito menor com as quais se preocupar em comparação com a superfície do ciberespaço e com a vida cotidiana da sociedade normativa. Afinal, até o presente momento ainda há profunda escassez de pesquisas e discussões públicas sobre a temática.

## 4 O homem reprogramado pelo submundo

Neste espectro temático, trabalha-se com a hipótese de que a indústria adulta digital esteja propositalmente destruindo o sistema de símbolos que compõe o imaginário masculino, substituindo-o por estímulos simulados por meio de desvios semânticos na ordem dos significantes mais nobres da subjetividade humana que confundem propositalmente “interação com o outro” com *controle do outro* — o que é demonstrado logo pela nomenclatura cínica e hipócrita deste setor de mercado: indústria de “entretenimento” (*para quem?*) adulto.

Sendo assim, o homem reprogramado pelo submundo do ciberespaço é o indivíduo do gênero masculino heterossexual que está sofrendo alteração dramática e mutação sensorial, de porte corrosivo, potencialmente irreversível, tanto em sua libido quanto em seu sistema afetivo, a partir da naturalização da perversão nas seguintes vertentes: *masculinidade tóxica* e *masculinidade flácida* específicas da indústria adulta digital.

Rumo à consolidação dessa ruína psíquica, afetiva, sexual, social e cultural da masculinidade, não são medidos esforços para encolher toda a potência criativa do imaginário, reduzindo-o a mera figura decorativa que simplesmente reproduza a ideologia da dominação vigente, isto é, a que for determinada por essas empresas por ser mais lucrativa para os seus proprietários blindados da exposição pública.

### 4.1 Masculinidade tóxica no contexto do submundo da cultura digital

#### 4.1.1 Reprogramação via perversão: definição teórica e processo prático

A masculinidade tóxica no contexto do submundo corresponde ao homem reprogramado pela perversão do ciberespaço. O homem reprogramado pela perversão é fruto de um contexto histórico muito bem conhecido: a dominação do homem sobre a mulher, a partir da objetificação e da desumanização<sup>14</sup> da mulher. Isto é, da anulação dos sentimentos e dos pensamentos da mulher para servi-lo.

---

<sup>14</sup> Ambos os processos de objetivação e de desumanização da mulher em contexto específico do submundo são mapeados e analisados detalhadamente no artigo “*Reprogramação do ciberespaço: um estudo sobre a gradativa reprogramação psicoafetiva e sexual da civilização tecnológica atual e seus efeitos sociais*”, apresentado no congresso da ABCiber “*Novos letramentos, apropriação das tecnologias e o ciberespaço como construção coletiva*” em 23/06/2021. Em suma, *objetificação* significa esvaziar a subjetividade de alguém, de modo que apenas a sua “serventia” importe. Porém é preciso “cuidar” deste objeto para reutilizá-lo novamente, já que sua serventia é importante para quem se sente “proprietário” do humano-objeto. Já a *desumanização* significa destituir alguém de toda a sua dignidade, humanidade e subjetividade, de modo que apenas a “utilidade”

O processo de reprogramação via perversão inicia-se a partir dos *feeds* hipersegmentados gerados pelos algoritmos dos *sites* adultos estimulam os homens heterossexuais a assistirem vídeos em *sites* pornôns de atores humilhando atrizes — ao invés de atores demonstrando afeto às atrizes. Logo em seguida, os *sites* pornôns recomendam para esses mesmos usuários que acessem *sites* de *live cams* e de vendas de conteúdo erótico para, justamente, tratarem da mesma forma agressiva as mulheres ao vivo. Segue exemplo de anúncio publicitário veiculado entre um vídeo pornográfico e outro:

*Por que apenas assistir pornografia se você pode fazer pornografia? Te convidamos para o próximo nível da sua experiência pornográfica! É totalmente ao vivo! Sexualmente interativo! Venha brincar conosco e entre na ação!*<sup>15</sup>

Imediatamente, é fundamental expor que esses anúncios utilizam imagens das mulheres que participam dos *camsites*. Tendo em vista que todos os *sites* adultos condicionam as mulheres à cessão dos seus direitos de imagem por período indeterminado — conforme explicado nos tópicos anteriores —, elas não são sequer informadas do que está sendo feito e do local em que suas imagens estão sendo veiculadas na rede, assim como também não recebem dinheiro algum pelo uso da própria imagem neste tipo de comunicação publicitária (e em nenhum outro).

Dando continuidade ao passo-a-passo da for/matação do imaginário masculino, caso o usuário não tome nenhuma atitude, ou seja, nem saia do *site* pornográfico para visitar a *camgirl*, tampouco escolha ativamente um outro vídeo do próprio *site*, então outro vídeo lhe é oferecido. Este próximo vídeo será um degrau mais agressivo, assim como o anúncio consecutivo. E assim sucessivamente. O objetivo aqui é fidelizar o usuário com doses cada vez maiores de estímulos perversos, até que se realize um processo de viciação, provocando seu imaginário para que comece a desejar algo que ele nem sabia ser possível existir.

Todavia, caso o usuário tome a atitude de clicar no anúncio publicitário e “escolha” adentrar o *site webcamming* — isto é, o *site* adulto que promove “o próximo nível da experiência pornográfica”, “totalmente ao vivo”, “sexualmente interativo” — ele encontrará um produto

---

instantânea importe. Neste quadro, a mulher é completamente descartável. Trata-se de um processo muito mais violento, pois não haverá “uso” posterior do humano-objeto. Logo, vale tudo neste tipo de “relação”. Todo tipo de depreciação, abuso, distrato, degeneração. O texto completo do artigo está disponível pelo link:

<https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/virtual2021/paper/viewFile/1581/757>

<sup>15</sup> O comercial descrito acima foi transcrito do *site* de pornografia “PornHub” (<https://pt.pornhub.com>), direcionando o usuário para o *cam site* “Cams ao Vivo” (<https://camsaovivo.com>), que é a versão brasileira do *cam site* americano “Streamate” (<https://streamate.com>). Isto é, todos eles trabalham em regime de comunhão entre si, e as profissionais não são sequer informadas do que está sendo feito com a imagem delas em tempo real. O acesso para este registro de pesquisa foi feito em 07/10/2021.

preparado com todo o cuidado para reprogramar o seu imaginário. Trata-se dos instrumentos mecânicos de tortura de controle do outro, cinicamente anunciados como “brinquedos interativos”<sup>16</sup> ou “*vibe toys*”, que já se encontram inseridos nos corpos das mulheres nuas disponíveis para controle do homem em tempo real em salas públicas de *videochat*. Inclusive, a publicidade deste setor estimula, também, diferentes níveis de tortura: vibrações “brutais” (“*monster vibes*”) e penetrações mais potentes (“*ultra-high*”) custam mais caro.

Inacreditavelmente toda essa diluição da subjetividade humana em violência física contra a mulher é anunciada pela publicidade doentia do setor como uma brincadeira inocente e divertida para ambos os lados. Mas não somente. O cinismo empresarial chega ao cúmulo da empresa fingir estar preocupada com a saúde da mulher. Até mesmo quando as campanhas de *marketing* criam “batalhas” e “maratonas” entre os diferentes modelos de instrumentos mecânicos. Vejamos exemplos de tais atrocidades semânticas e confusão nos significantes:

(1) *Anotem essa dica sobre saúde feminina e ativem o Privetoy ;)*  
*Rapidinhas do Privê: Você sabia que usar vibrados melhora a saúde feminina? O vibrador tonifica os tecidos vaginais, estimula a lubrificação, combate dores de cabeça e insônia. Ou seja, são vários motivos para você usar o Privetoy<sup>17</sup> ;)*

(2) *Qual é o seu Privetoy favorito?*  
*Batalha de privetoys: Hush vs Edge<sup>18</sup>*

A barbárie descrita nos *tweets* da empresa encaixa-se perfeitamente no que Z. Bauman descreveu em sua obra *O medo líquido* (2008) como sendo “*a catástrofe inescapável*”, isto é, a ausência total de controle sobre como a tecnologia passou a ser usada na época em curso. Assim como também nos lembram Heidegger ao declarar: “*Ninguém poderá prever as revoluções que*

---

<sup>16</sup> Os tais “brinquedos interativos” (*vibe toys*) começaram a ser produzidos em 2016 pela empresa “Kiiroo” (<https://www.kiiroo.com/>) e inicialmente foram introduzidos no site adulto americano *Chaturbate* (<https://chaturbate.com/>) mediante a uma parceria comercial entre o site e a empresa fabricante dos objetos mecânicos. Logo em seguida, a maior parte dos sites do segmento adulto aderiram à proposta degradante e estabeleceram parcerias *com* fins lucrativos e diversas outras marcas fabricantes de “brinquedos interativos” surgiram com a mesma proposta degenerativa. Em 2019, foram lançadas as monstruosas “máquinas de penetração interativas” (*fucking machines*), fabricadas pela empresa “Motor Bunny” (<https://motorbunny.com/>). Algo muito semelhante a um instrumento bélico. Novamente, a introdução foi feita pelo site adulto americano *Chaturbate*, o qual orgulhosamente apresenta-se em sua publicidade hipócrita como “líder em tecnologia” do segmento adulto. Posteriormente, outros sites aderiram ao uso do instrumento e outras marcas surgiram num curto intervalo de tempo. O valor da máquina desta marca é de aproximadamente R\$5.500 e quem arca com o custo é a própria trabalhadora. Constata-se, portanto, que o objetivo do submundo é sempre o lucro por meio da humilhação “consentida” da mulher.

<sup>17</sup> O *tweet* foi publicado pela empresa em 17.jun.2022 e disponível para acesso pelo *link*: <https://twitter.com/cameraprive/status/1537948205723226113>. O acesso para este registro de pesquisa foi realizado em 21/06/2022.

<sup>18</sup> O *tweet* foi publicado pela empresa em 20.jun.2022 e disponível para acesso pelo *link*: <https://twitter.com/cameraprive/status/1539020270110838785>. O acesso para este registro de pesquisa foi realizado em 21/06/2022.

*se aproximam. Entretanto, a evolução da técnica decorrerá cada vez mais rapidamente e não será possível detê-la em parte alguma...*” (2000, p.22).

Assim, silenciosamente, a indústria adulta digital reprograma, de modo gradativo, a ideologia do imaginário masculino permanentemente, ao vender ao homem a possibilidade de *efetivamente* humilhar, controlar, subjugar uma mulher em tempo real, que, de fato, legitima a *fake news* — por meio da imagem nos anúncios publicitários, do simulacro dos vídeos gravados e das performances hiper-reais ao vivo — que há algum prazer naquele espetáculo distópico e brutal, simplesmente porque existe remuneração financeira para tal.

## **4.2 Masculinidade flácida no contexto do submundo da cultura digital**

### **4.2.1 Reprogramação via inversão: Definição teórica e processo prático**

A reprogramação via inversão é fruto de uma crise econômica da indústria adulta digital causada pela crescente disponibilidade do acesso gratuito ao sexo perverso no ciberespaço. Com o objetivo de suprir esta crise econômica, o oligopólio caracterizado de empresas que controla este obscuro setor fabricou com estratégia e exatidão a for/matação da ideologia do imaginário masculino mais uma vez.

Todavia, para evitar que a rentabilidade se perdesse com o acesso gratuito mais uma vez, a reprogramação do imaginário masculino precisava ser direcionada para uma perversão sobre a qual ele se envergonhasse profundamente. O motivo da manobra “do sentir vergonha de si mesmo” é fundamental para o setor adulto neste caso pois assim este homem consumiria as “suas” novas “perversões” apenas em sigilo, pagando cada vez mais caro por isso.

Neste momento, pontua-se que a forma de dominação mais perversa é a de reprogramação do outro a partir do constrangimento do si-mesmo, pois assim é possível for/matar a ideologia do imaginário, instaurando estímulos simulados, turvos e hiper-reais no lugar das preferências originais com a segurança de que o sujeito está con/vencido de que não há escapatória para a sua “nova” condição psíquica: habitante do submundo, dependente de interações em sigilo, na surdina, *mediante pagamento*.

Compreendido motivo pelo qual este novo “produto” — o homem reprogramado — foi fabricado, convém definir com exatidão tal for/matação. Define-se a reprogramação via

inversão (ou masculinidade flácida) como sendo a mutação sensorial propositalmente fabricada pela indústria adulta digital na ideologia do imaginário do homem heterossexual, que passa a desejar ser humilhado, chantageado e ridicularizados pela mulher em tempo real.

Uma vez reprogramado, o homem contrata o serviço da produtora de conteúdo adulto online para que ela elabore cenários perversos nos quais exista tortura psíquica e física contra si mesmo. Isto é feito por meio de uma espécie de simulação em que a mulher assume o papel de humilhadora e o homem, de humilhado. Assim, a mulher passa a ter a responsabilidade de criar os cenários doentios diante dos quais os homens serão humilhados, e também de administrar toda degeneração psicoafetiva e sexual, ou seja, assistir, interagir, dialogar, comunicar-se e relacionar-se online com homens reprogramados (isto é, homens heterossexuais que estão perdendo as qualidades naturais da sua espécie).

O mal-estar provocado pela tecnologia continua a surpreender de forma cada vez mais assustadora. Atualmente, há sites adultos que vendem cursos e programas especializados em ensinar as próprias mulheres a fabricarem o masculino flácido. Não bastasse, ainda sugerem a compra de instrumentos de tortura para o homem usar contra si mesmo em tempo real. Isto é, além de lucrar ao conduzir o comportamento do usuário na rede sugerindo vídeos degenerativos, posteriormente, o homem é encorajado a comprar produtos que degradam cada vez mais a sua própria integridade (física e psíquica).

Como exemplo podemos mencionar o *site* adulto *Kink* (<https://www.kink.com/><sup>19</sup>) que vende seu programa de reprogramação dos afetos e da sexualidade chamado "*Kink's World Sex Education Program*" e apresenta categorias "originais" (as que estimulam a reprogramação via **perversão**, isto é, a **masculinidade tóxica**) e categorias "em destaque" (as que estimulam a reprogramação via **inversão**, ou seja, a **masculinidade flácida**): *Men in Pain*, *Male Bondage*, *Cuckolding*, *CBT (Cock & Balls Torture)*, *FemDom Humiliation*<sup>20</sup>.

Como resultado deste curto-circuito já bem-sucedido na ideologia do imaginário masculino está a celebração do site adulto brasileiro, que publicamente “comemora” 1 bilhão

---

<sup>19</sup> O acesso ao *site* adulto *Kink* (<https://kinkstore.com/>) para este registro de pesquisa foi feito em 1º/05/2022.

<sup>20</sup> Na tradução da língua inglesa para a língua portuguesa: *Men in Pain* (Homem em cenas de tortura e humilhação), *Male Bondage* (Homens amarrados), *Cuckolding* (Homens sendo traídos com consentimento), *CBT, Cock & Balls Torture* (Tortura do Pênis e do saco escrotal), *FemDom Humiliation* (Homens com vestimentas femininas sendo humilhados).

de acessos<sup>21</sup> de homens heterossexuais neste perfil — *o masculino flácido* — no ano de 2021. Como exemplo da reprogramação no imaginário masculino dos homens brasileiros, seguem as publicações da empresa:

1. *Uma das hashtags mais usadas no Camera Prive é #Cuckold! Esse é aquele fetiche onde uma pessoa gosta de ver a sua parceira com outra pessoa. Podemos chamá-lo de corninho ;)*
2. *Curtiu? Confira todos os conteúdos dessa hashtag maravilhosa<sup>22</sup>!*  
<https://cameraprive.com/br/h/cuckold>
3. *Alô, corninhos de plantão! Cuckold nada mais é do que sentir prazer ao ser corno. Por isso, se você está em uma relação e sente prazer em imaginar a sua parceira tendo relações com outra pessoa, você curte o cuckold e é um corninho oficial<sup>23</sup>.*  
<https://cameraprive.com/br/h/cuckold>
4. *Para quem desconhece, "cuckold"<sup>24</sup> é o nome que se dá ao fetiche onde um homem sente tesão em ver sua parceira com outras pessoas. No Camera Prive, várias Privezetes realizam essa fantasia em seu show. Venha conferir: <https://cameraprive.com/br/h/cuckold>*
5. *Foi aqui que pediram SPH<sup>25</sup>? Esse é um fetiche onde o indivíduo gosta de ser humilhado pelo tamanho do seu pênis. A sigla SPH é a abreviação para "Small Penis Humiliation". Muitas modelos realizam essa fantasia em seus shows. Quer saber mais?*  
<https://cameraprive.com/br/h/sph>
6. *Só os ousados online, hein? Pegging<sup>26</sup> ou "inversão" é um fetiche no qual uma mulher faz sexo anal em um homem utilizando uma cinta peniana. Muitas modelos adoram realizar essas fantasias em suas salas e deixar os usuários loucos de prazer. Confira!*  
<https://cameraprive.com/br/h/inversao>

Demonstra-se, assim, o modo pelo qual a gradativa fabricação em escala industrial e transnacional de uma infinidade de homens heterossexuais reprogramados pela **masculinidade**

---

<sup>21</sup> A publicação da empresa foi feita no dia 29/12/2021, na postagem intitulada "Xauzinho 2021...o que esperar de 2022?", e está disponível pelo link: <https://models.cameraprive.com/br/blog>. O acesso para este registro de pesquisa foi realizado em 1º/05/2022.

<sup>22</sup> O tweet foi publicado pela empresa em 07.jun.2022 e está disponível para acesso pelo link: <https://twitter.com/cameraprive/status/1534550832787558400>. O acesso para este registro de pesquisa foi realizado em 21/06/2022.

<sup>23</sup> O tweet foi publicado pela empresa em 02.fev.2022 e disponível para acesso pelo link: <https://twitter.com/cameraprive/status/1488889958299418629>. O acesso para este registro de pesquisa foi realizado em 21/06/2022.

<sup>24</sup> O tweet foi publicado pela empresa em 21.dez.2021 e disponível para acesso pelo link: <https://twitter.com/cameraprive/status/1475602395522482179> O acesso para este registro de pesquisa foi realizado em 21/06/2022.

<sup>25</sup> O tweet foi publicado pela empresa em 07.fev.2022 e disponível para acesso pelo link: <https://twitter.com/cameraprive/status/1490822682169909249> O acesso para este registro de pesquisa foi realizado em 21/06/2022.

<sup>26</sup> O tweet foi publicado pela empresa em 15.fev.2022 e disponível para acesso pelo link: <https://twitter.com/cameraprive/status/1493721793005248515> O acesso para este registro de pesquisa foi realizado em 21/06/2022.

**flácida pelo submundo do ciberespaço.** Em outras palavras, o **masculino flácido** produzido pelo submundo é fruto de um ciclo eterno de violência física e simbólica do homem contra si mesmo, mas que é anunciado pelo setor — para consumidores e profissionais — como nada além de um “fetiche” inofensivo para ambos os lados.

Pontua-se aqui que essas relações *des/organizadas* pela indústria adulta digital em nada se assemelham às práticas eróticas conscientes entre os envolvidos, pois *não* há negociação e consenso consciente das partes, que se envolvem com o objetivo de sentirem prazer mútuo. Trata-se exatamente do oposto disso, isto é, uma atividade financeiramente remunerada mediante determinada encenação. Tal modelo *de negócios é controlado por proprietários ocultos*, dentro de um setor que opera invisível, em pleno faroeste digital. Conforme apontado anteriormente, as cláusulas contratuais inclusive impedem a trabalhadora de ajuizar ação contra a empresa *independentemente do dano existencial que sofra* ao realizar a performance erótica do usuário na rede em tempo real. Comprova-se, assim, que nada poderia estar mais distante da definição de prazer mútuo e envolvimento consentido, uma vez que o prazer é compreendido pelo viés psicanalítico como a realização do desejo (LAPLANCHE, 2001, p. 364).

Deste modo, demonstra-se que as empresas de *sites* adultos objetivam uma verdadeira remodelagem daquilo que referencia o sujeito contemporâneo no que diz respeito ao seu mundo afetivo e à sua sexualidade, que passa a ser moldado pelas diretrizes comerciais que orientam os algoritmos destes *sites* em todo o mundo. Isto é, tanto a **reprogramação via perversão (masculinidade tóxica)** quanto a **reprogramação via inversão (masculinidade flácida)** apresentam-se como novo estágio (mórbido) econômico e social do desenvolvimento Capitalista, sustentado a partir da tecnologia (plataformas digitais que promovem interação em tempo real), alimentado pela primazia da imagem (simulacro e hiper-realidade) sobre o objeto (pulsão sexual e necessidade de pertencimento).

Uma vez compreendida a ruptura na cadeia de sentidos propositalmente causada por esta indústria obscura, questionamos: "*Iremos caminhar como espécie para um futuro no qual nossos mundos, externo e interno, sejam totalmente controlados pelo uso ideológico e predatório da indústria tecnológica e midiática?*" (CONTRERA, 2022, p.5).

## 5 Considerações Finais

A argumentação, de porte fundamentalmente crítico, reflexivo e tensional, procurou aprofundar a definição dos conceitos “*masculinidade tóxica*” e “*masculinidade flácida*” dentro do contexto do submundo do ciberespaço. A temática apresenta-se como epicentro prioritário da pesquisa (em desenvolvimento contínuo) sobre a *reprogramação da ideologia do imaginário*, propositalmente fabricada pelos algoritmos e códigos invisíveis da indústria digital (um oligopólio caracterizado de sites de pornografia, *webcamming* e vendas de conteúdo erótico *online*).

Tendo em vista que toda experiência de vida humana *online* retroage sobre a experiência de vida *off-line*, este estudo trata-se de uma contribuição para a decodificação de construções sociais prevalentes na atualidade, uma vez que a indústria adulta operante exclusivamente no ciberespaço tem embutido a perversão no imaginário masculino como *ritualidade cotidiana*<sup>27</sup>, configurando assim, um importante fenômeno de investigação das ciências humanas.

Portanto, para melhor compreensão do fenômeno psicossocial em questão, o artigo inicia-se com a definição geral dos conceitos-chave desta investigação — “*masculinidade tóxica*” e “*masculinidade flácida*” — para, em seguida, desvelar como o submundo do ciberespaço tem *for/matado* a masculinidade contemporânea e fabricado o homem reprogramado em ambos os formatos. Como não poderia deixar de ser, tudo isso é feito tendo como objetivo os interesses econômicos dos proprietários blindados do escrutínio público das empresas que controlam o submundo do ciberespaço.

Em termos gerais, o conceito de masculinidade tóxica consiste no processo de socialização que determina o comportamento do homem, no qual o indivíduo aprende a reproduzir o que é ensinado por meio da cultura heteronormativa e patriarcal. Já o conceito de masculinidade flácida aplica-se ao homem que, submetido a um sofrimento psíquico, não consegue, por inúmeras razões, se adequar aos padrões normativos da masculinidade.

---

<sup>27</sup> O termo *ritualidade cotidiana* diz respeito ao padrão de ações concretas, empreendidas em ocasiões particulares, com determinada finalidade, configurando, assim, poderoso vetor de validação dos comportamentos e dos valores de uma comunidade (MAGOSSI, 2020).

Aplicado ao contexto específico do submundo, a masculinidade tóxica refere-se ao indivíduo que, reprogramado pela perversão — embutida em seu imaginário pelos *sites* adultos —, está condicionado a naturalizar a violência (física e simbólica) contra a mulher, o que inclui controlar instrumentos mecânicos (“*fucking machines*” e “*vibe toys*”) que ficam instaladas no corpo da mulher em salas públicas na internet e que se movimentam quando o homem paga por isso. Já a masculinidade flácida aplica-se ao sujeito que, reprogramado pela inversão — embutida em seu imaginário pelos mesmos *sites* adultos —, é encorajado a cometer a violência (física e simbólica) contra si próprio e paga para ser humilhado, chantageado e ridicularizado pela mulher em salas privadas na internet.

Em termos psíquicos, subjetivos, afetivos, sexuais, sociais, e culturais ambos os processos são torturantes para o homem e trazem dificuldades para a realização do indivíduo como potência. Em termos econômicos, ambas as vertentes são lucrativas para os proprietários blindados do escrutínio público do setor adulto, que vendem o veneno como antídoto propositalmente.

Não restam dúvidas de que este é um modelo de negócios que esvazia a vida humana em suas diversas faces. O homem reprogramado pelo submundo representa uma alteração dramática nos sentidos, uma degeneração nos vínculos comunicativos, na capacidade de enxergar o outro, de sentir o mundo, uma anestesia do corpo, uma atrofia dos sentidos.

A ameaça está no despertar do pior do ser humano mediante completa falta de humanidade das relações vividas na rede, cujos vínculos além de frágeis e fugazes, ainda estão sendo construídos a partir da domesticação da ideologia do imaginário, afetando, portanto, a noção de desejo, de prazer, de identidade e assim por diante.

Sendo assim, os aspectos obscuros do submundo devem ser rigorosamente mapeados e analisados pela comunidade científica, pois a naturalização de experiências desumanizadoras no ciberespaço tende a irrupção do caos em massa, causando danos psicossociais permanentes e irreversíveis na espécie.

## 6 Referências Bibliográficas

- BARBIERI, I. M. B. Z. F. **Regulamentação da indústria adulta digital**: crimes informáticos, violência de gênero e ausência de direitos humanos. In: ABRACRIM MULHER (Associação Brasileira dos Advogados Criminalistas — Núcleo da Mulher Advogada), 2022.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.  
\_\_\_\_\_. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.  
\_\_\_\_\_. **A comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.  
\_\_\_\_\_. **O medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CONTRERA, M. S. **Mídia e pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, 2002.  
\_\_\_\_\_. **Mediosfera**: meios, imaginário e desencantamento do mundo. São Paulo: Annablume, 2010.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HEIDEGGER, M. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- JUNG, C. G. **Obras completas**: aspectos do drama contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 1990.
- LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MAGOSSI, P. G. **Ritualidades e vida cotidiana na cultura digital**: uma investigação sobre os processos de comunicação e ritualização no ciberespaço. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2020.  
\_\_\_\_\_. **Reprogramação no ciberespaço**: um estudo sobre a gradativa reprogramação psicoafetiva e sexual da civilização tecnológica atual e seus efeitos sociais. In: **II Encontro Virtual da ABCiber**: Novos Letramentos, apropriação das tecnologias e o ciberespaço como construção coletiva, 2021. Disponível em:  
<https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/virtual2021/paper/viewFile/1581/757>
- MIKLOS, J. **Ciber-religião**: a construção de vínculos religiosos na cibercultura. São Paulo: Ideias&Letras, 2012.
- TRIVINHO, E. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Dissuasão neofascista, tradição democrática e catástrofe algorítmica na política.** In: XIV Simpósio da ABCiber “*Direitos humanos, políticas identitárias e imaginários de resistência*”, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/MKha7HmCfxM>

\_\_\_\_\_. **Magma do Submundo.** In: Revista *Cult*, 20 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/magma-do-submundo/>